representações da loucura feminina em a mãe da mãe de sua mãe e suas filhas

Representations of female madness in *The mother of the mother of her mother and her daughters*

Elane Plácido*
Roniê Rodrigues**

Resumo

O presente artigo objetiva discutir a representação da loucura associada a uma identificação do sujeito feminino a partir da leitura crítica de duas personagens do romance *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas*, publicado em 2002, de Maria José Silveira. No desenvolvimento de nossa análise, valer-nos-emos das considerações de Foucault (1978) acerca do fenômeno da anormalidade e dos apontamentos de Cunha (1986) sobre a relação da loucura com a transgressão feminina, destacando como o comportamento não resignado da mulher tem sido, historicamente, relacionado ao território do insano, daquilo que não denota equilíbrio. Como resultado, destacamos a emergência das relações de poder para cercear a subjetivação feminina,

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN). E-mail: helayne11@hotmail.com.

** Pós-doutorando (PNPD/CAPES) no Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba. Professor do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: rodrigopinon2014@gmail.com.

Artigo recebido em 09/02/2018 e aceito para publicação em 28/06/2018.

designando como anormal aquilo que não se enquadra nos preceitos institucionais.

Palavras-chave

Maria José Silveira; Identidade feminina; Representação; Loucura

Abstract

This article aims to discuss the representation of madness associated with an identification of the female subject from the critical reading of two characters in Maria José Silveira 's novel *The mother of the mother of her mother and daughters*, published in 2002. In the development of our analysis, we will use Foucault's (1978) considerations about the phenomenon of abnormality and the notes of Cunha (1986) on the relationship between madness and female transgression, highlighting how women's unresolved behavior has been historically related to the territory of the insane, of what does not denote balance. As a result, we highlight the emergence of power relations, to curtail female subjectivation, designating as abnormal what does not fit into institutional precepts.

Keywords

Maria José Silveira; Female identity; Representation; Madness

1. Introdução

O romance de Maria José Silveira *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas* conta a história de vida de uma linhagem de mulheres que pertencem a uma mesma família e que passam por uma série de mudanças sociais refletidas em suas identificações. O texto se desenvolve acompanhando o processo de formação nacional, representando desde a mulher indígena, situada no contexto do Brasil colonial, até a mulher contemporânea. Nesse sentido, as protagonistas, todas mulheres, simbolizam diferentes condições do sujeito feminino, que aparecem experienciando momentos singulares de uma trajetória marcada por episódios de alegria e tristeza, medo e coragem, submissão e insubmissão. São personagens ora associadas ao universo da loucura, ora consideradas fracas por serem dependentes e subordinadas ao homem, ora empoderadas em suas subjetivações. As características pessoais de cada uma dessas personagens são mostradas no decorrer das ações através das várias temáticas abordadas no romance, como a da violência contra a mulher, o casamento por interesse, a vingança, a traição, etc.

Em relação à estrutura, o romance é dividido em cinco episódios, intitulados: "Brevíssimo encanto", "Desolada amplidão", "Esplendor improvável", "Viciosa modernidade" e "Signo do lucro", em que aparece representado o enredo de forma cronológica, indicando, desta forma, a ordem dos acontecimentos. É importante destacar que cada título representa e tem sua relação com as personagens femininas do romance. Desse modo, entram em pauta debates sobre a representação das personagens, a história de luta das mulheres, representando a continuidade da geração de perfis femininos que aparecem no romance. A reflexão histórica aparece como denúncia das situações passadas pelo indivíduo mulher ao longo dos séculos, o espaço conquistado na sociedade até o momento atual e as transformações políticas, sociais e econômicas, que se sucederam durante todo o contexto histórico que envolve a trama.

Por outro lado, no romance em estudo, observamos que a literatura pode ser apresentada como possibilidade de reescrita e releitura da História do Brasil, uma vez que o narrador se utiliza dos principais acontecimentos históricos para discorrer a respeito das múltiplas representações do sujeito feminino e contar a vida, os costumes, associando ao contexto da época em que as personagens vivem.

A respeito da relação entre literatura e História, a professora e pesquisadora Doris Sommer observa numa de suas falas que "os romances românticos caminham de mãos dadas com a história patriótica na América Latina." (SOMMER, 2004, p. 21). Discorrendo a respeito das ficções de fundação das nações latino-americanas, ela lembra a referida relação, acrescentando que "Quando a história de um país não existe, exceto em documentos incompletos e dispersos, em tradições vagas que devem ser reunidas e avaliadas, o método narrativo é obrigatório". (SOMMER, 2004, p. 23). Considerando essa obrigatoriedade é que o romance de Maria José Silveira resolve colocar em cena uma série de personagens femininas, relacionando suas vidas particulares com acontecimentos históricos. Há no enredo a expressão do pensamento de Silveira acerca de uma expressão do feminino, não fugindo do seu olhar de mulher, mesmo não se considerando uma feminista. Desse modo, apresenta o enredo narrando em terceira pessoa, em que o narrador parece em determinados acontecimentos estar conversando com o leitor, esse diálogo é observado em várias partes da narrativa. Os fatos históricos são desenvolvidos de forma cronológica como pano de fundo, dando vivacidade ao desenrolar das ações que acontecem no Brasil desde a origem do seu descobrimento.

No que tange ao estilo da escrita, o romance de Silveira possui uma linguagem simples, baseia-se em uma escrita sensível, lírica e poética. Com uma escrita clara, objetiva, a escritora traz, de acordo com o momento histórico de cada personagem, uma descrição da visão crítica sobre o modelo patriarcal. Desta forma, dá representatividade às vozes que foram silenciadas durante o desenvolvimento do Brasil.

Da obra da autora no contexto literário brasileiro, destacam-se, além da obra em análise, alguns outros romances, como *Eleanor Marx, filha de Karl*, publicado em 2002 que conta a história romanceada da filha mais nova do pensador socialista Karl Marx. O texto possui um tom trágico por abordar o suicídio de Eleanor aos quarenta e três anos de idade por conta de um amor. Segundo Silveira, esse romance com teor biográfico nasceu de uma leitura feita sobre uma lenda de um pacto de suicídio que a filha de Marx teria feito com o marido, Silveira elabora um enredo entremeado por fatos possivelmente verídicos, criando uma personagem forte, que viveu na Inglaterra no século XIX. (SILVEIRA, 2002). Em *O fantasma de Luís Buñuel*, publicado no ano de 2004, Silveira desenvolve um enredo que surgiu baseado numa reportagem do cineasta Buñuel em que ele relata que não se importaria de morrer se pudesse levantar da tumba de dez em dez anos para olhar o jornal, ver as notícias sobre o mundo e voltar normalmente ao túmulo. No texto, o narrador reflete sobre a situação da época de chumbo e da migração desses jovens para outros territórios. (SILVEIRA, 2004). No livro *Com esse ódio e esse amor*, publicado em 2010, a escritora desenvolve uma história de ação intensa, em que trata do Brasil de hoje e sua relação entre seus vizinhos da América. Na obra, a autora aborda a questão do narcotráfico na Colômbia e Peru, no âmbito dessas duas territorialidades o narrador discorre a respeito de alguns personagens, entre eles alguns brasileiros que sofrem consequências da adaptação cultural e social ao habitarem nesses países. (SILVEIRA, 2010). Em *Paulicéia de mil dentes* publicado em 2012, a autora destaca as diversidades e vitalidades da capital de São Paulo que é a personagem principal do romance, retratando por meio de um enredo crítico as mazelas que acontecem

atualmente a cidade de São Paulo, como o clima marginal e violento. Com várias personagens, evidencia os diferentes tipos de vida e dramas, o trabalho, o lazer e a cultura da localidade. Este é apenas um panorama de algumas das obras de Maria José Silveira, que possui outros livros pertencentes ao universo da literatura infantil, crônicas e contos, dentre os quais vários foram premiados, comprados em grandes quantidades para bibliotecas públicas e adotados por diversos programas de governo, principalmente pelo Estado de Goiás. (SILVEIRA, 2012).

O fato de Silveira gostar de assuntos referentes a aspectos históricos e sociais e desenvolver sua escrita através das leituras e experiências desse âmbito é análogo ao que observa Edward Said (1999, p. 23) quando destaca: "não creio que os escritores sejam mecanicamente determinados pela ideologia, (...) mas acho que estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus". Nesse caso, o estilo da escritora é o resultado das suas leituras e experiências sobre os assuntos que gosta de ler, desta forma, isso é importante por destacar em sua obra questões relativas ao seu ponto de vista que se reflete de forma positiva na literatura. Nesse contexto Antoine Compagnon (2010, p.168) destaca que "O estilo para o escritor tanto quanto a cor para o pintor, é uma questão não de técnica, mas de visão." Em outro momento do livro, o mesmo autor cita que: "o estilo remete ao mesmo tempo a uma necessidade e a uma liberdade". (COMPAGNON, 2010, p.164). Tal liberdade esta percebida quando observamos a intenção da escritora em não fugir das ideias que vêm de si mesma, da sua sensibilidade e percepção do mundo sobre os assuntos abordados.

Considerando a multiplicidade de personagens femininas representadas no romance *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas*, trabalharemos nesse texto com apenas duas delas, observando como constituem as suas identificações associadas ao universo da insanidade. Para desenvolvermos a nossa análise crítica, estabeleceremos uma relação com os estudos de Michel Foucault (1978) acerca da história da loucura, destacando como a doença mental, ao longo da história da humanidade, sobretudo em alguns períodos, como o filósofo observa em relação a Era Clássica, tem sofrido um estranho golpe de força que a reduz ao silêncio. Nesse silenciamento estão implicadas relações de poder que destinam o sujeito insano à margem, ao enclausuramento, considerando-o como um ser incapaz de pensar e agir por si mesmo, responsabilizando-se pelos seus atos, conforme ocorre com as personagens da narrativa de Silveira. Objetivou-se destacar como as representações da loucura são construídas por relações de poder, sobretudo manifestadas pelas instituições.

2. Relação entre feminino e loucura

Tem sido uma prática histórica considerar o sujeito transgressor como um indivíduo anormal, justamente por não atender a certas exigências impostas pela sociedade. De acordo com Goffman (2001, p.29) "no mundo, as pessoas são obrigadas a obedecer a leis feitas pelos homens." Essa concepção atinge o sujeito mulher pelo fato de em alguns momentos de sua vivência se rebelar contra os pressupostos institucionais. Dessa forma, mesmo não possuindo algum distúrbio mental, muitas mulheres foram julgadas como loucas por se afastarem de certas normas impostas e por não se identificarem com determinados padrões de comportamento, conforme destaca o estudioso:

> No caso da loucura feminina, transgressão não atinge apenas as normas sociais, senão à própria natureza, que a destinara ao papel de mãe e esposa. [...] a sanção e a condenação para comportamentos anômalos acabam assumindo, no caso das mulheres,

> o caráter de julgamento mais profundo, e o comportamento "estranho" aparece aí como muito mais transgressivo: não o anti-social, mas o antinatural. Neste contexto, a loucura – doença terrível – não deixa de aparecer como uma vingança da natureza contra a violação de suas leis. (CUNHA, 1986, p. 145).

Consoante se percebe, existia para a mulher um papel preestabelecido na sociedade, e qualquer transgressão dessa concepção de identidade seria diagnosticada como sintoma de loucura. Num sentido tradicional, caberia, então, à mulher desenvolver a função de boa filha, boa esposa e de mãe exemplar, sendo considerado estranho qualquer comportamento destoante dessas designações, fato que era tomado como justificativa para associar a figura feminina à ideia de loucura.

Desse modo, considerando essa associação entre o comportamento subversivo da mulher e o universo da insanidade mental, passaremos a abordar duas personagens femininas da narrativa de Maria José Silveira que se comportam de maneira considerada anormal e que são caracterizadas como loucas, mesmo que apenas uma delas possua diagnóstico que prove a sua estranheza ou doença mental.

2.1 A desorganização da família e o mal da loucura

Vejamos, inicialmente, o caso da personagem Damiana, que, ao requerer o divórcio ao esposo, acaba sendo internada. A história dessa personagem se passa na cidade do Rio de Janeiro durante os anos de 1789 a 1822, período que antecede a Independência do Brasil. Torna-se importante assinalar esse contexto histórico a fim de que possamos entender aquilo que é interpretado nesta mulher como sintoma de transgressão. Por influência do seu tio Mariano, que era como um pai que não teve, Damiana passa a se interessar por assuntos da possível independência do Brasil e por ideias abolicionistas e iluministas, além de participar de grupos que se opunham ao regime imperial e à Coroa portuguesa.

Na sequência da história, ela passa a ter uma atuação política mais persistente e luta ao lado de seus amigos pela igualdade e liberdade do Brasil. Nesse sentido, observando o contexto histórico em que a personagem se insere e a sua inclinação política, vamos percebendo que a personagem vai se configurando como uma figura transgressora para a época, visto que não era permitido à mulher participar da cena política, debater assuntos dessa natureza, muito menos assumindo uma postura opositiva. No caso de Damiana, essa oposição se acentua mais tarde no contexto da relação matrimonial, quando ela se encontra na condição de esposa de Inácio Belchior e passa a perceber que o comportamento do cônjuge é contrário às suas ideologias.

A narrativa permite observar a atuação das relações de poder, precisamente em uma sociedade patriarcal que desautoriza a mulher que se posiciona na vida pública como sujeito ativo. Ao ousar pedir o divórcio, a personagem sofre as consequências de sua rebeldia, sendo caracterizada como louca, irreligiosa e outras características consideradas anormais para uma mulher casada. De acordo com Goffman (2001, p. 116):

> Os tipos de transgressões que levam a hospitalização são, segundo se pensa, diferentes dos que levam a outros tipos de expulsão - prisão, divórcio, perda de trabalho, repúdio, exílio regional, tratamento psiquiátrico fora de uma instituição, e assim por diante.

É importante destacar que, ao longo dos tempos, as mulheres consideradas adúlteras, ou que faziam algo que os esposos não gostavam, eram apontadas como loucas e devassas, por isso eram exiladas em prisões,

manicômios ou conventos. Para o esposo de Damiana, o divórcio era algo considerado vergonhoso, uma vez que ele precisava permanecer casado para adquirir o título de Barão:

> Para ele, o divórcio significava o pior de seus temores: a perda de parte dos bens e um risco à obtenção do título de barão. Nunca lhe passara pela cabeça que a mulher poderia pensar em tal coisa. Era uma ameaça e uma vergonha que jamais admitiria e que lhe provocou todos os demônios e cegou todos os vestígios de escrúpulos. (SILVEIRA, 2002, p. 223).

Note-se como, para o homem, a suposta transgressão da mulher tem implicações de natureza social. Ele não deseja manter o matrimônio por questões afetivas, mas porque o rompimento da relação acarreta consequências financeiras e perda de status. A iniciativa da separação tomada pela esposa revela-se para o homem uma surpresa inesperada e inadmissível, justamente pelo fato de não ser algo comum, visto que os casamentos deveriam ser mantidos até a morte, conforme ditavam os preceitos religiosos e sociais daquela época. Por conta da pretensão de transgredir tais preceitos e diante da ambição de Belchior, Damiana acaba sofrendo as consequências do seu ato.

É preciso destacar que a personagem vivia em uma época em que as mulheres eram submissas aos homens, e por isso, quase sempre, não tinham direito a nada. Naquele tipo de contexto altamente preconceituoso, a mulher que se divorciava do marido era obrigada, ainda, a aguentar certas humilhações e ofensas. Mas o marido também acabava sofrendo as consequências sociais da transgressão da esposa, por isso Belchior não admite a separação, que para ele é considerada uma vergonha. Todavia, é preciso aqui destacar que, ainda que a orientação religiosa fosse a de manter o casamento, já era possível, na época na qual se desenvolve a história de Damiana e Belchior, que qualquer um dos cônjuges solicitasse o divórcio. Mas, embora permitido pelas leis do país, o personagem não admite se separar da mulher e acaba internando-a num convento:

> Foi esse o seu trágico erro: deixar claro ao marido o que pretendia fazer. Não se espantem; o divórcio era possível no Brasil. Era, inclusive, pedido sobretudo por mulheres. Embora a doutrina da Igreja Católica considerasse o matrimônio como vínculo indissolúvel, os tribunais eclesiásticos das dioceses podiam decidir sobre separações e anulações matrimoniais, e os tribunais civis depois decidiam sobre a divisão dos bens entre os cônjuges separados. O grande problema surgia quando o marido não queria aceitar o divórcio por temer o que considerava uma humilhação ou por não querer a divisão dos bens do casal. Exatamente o caso de Belchior (SILVEIRA, 2002, p. 222-223).

Consoante destaca o narrador, a oposição do homem resulta de uma tentativa de evitar uma humilhação e ao mesmo tempo a divisão dos bens do casal. Nesse intento, utilizando-se de seu poder e de sua influência, por ser dono de muitas fazendas, "vassalo honrado e comerciante renomado", ele acusa a mulher de adúltera, libertina e devassa para conseguir interná-la. Historicamente, conforme destaca Foucault (1978, p. 51), é geralmente a família que solicita o internamento do indivíduo desviante:

> [...] a partir de 1692, o procedimento mais frequente é, evidentemente, a carta régia. A família ou o círculo da pessoa faz o pedido ao rei, que o concede e outorga após assinatura de um ministro. Alguns desses pedidos

> fazem-se acompanhar de certificados médicos. Mas são os casos menos numerosos.

Observamos que na Era Clássica cabia a família pedir o internamento do sujeito considerado desviante, através de carta régia ao ministro. Comportamento análogo ao observado por Foucault tem Belchior, que se dirige ao representante do Estado para solicitar a internação da esposa, sem qualquer certificado médico, como observaremos na citação abaixo:

> Depois de passar a noite em claro, ele decidiu agir rapidamente. Era preciso aproveitar o fato de Mariano não estar na cidade. Procurou o intendente-geral da polícia do Rio de Janeiro, de quem era amigo particular, e lavrou denúncia acusando Damiana de libertina, irreligiosa, devassa e perdulária, indigna da sociedade. Ele, um vassalo honrado, comerciante condecorado pela Ordem de Cristo, proprietário de terras na província de Goiás, já não sabia o que fazer para preservar a honra do lar e da filha. Acusava-a de ser um perigo, de ameaçar tirar-lhe a vida e procurar o divórcio, o que seria para ele e sua pequena filha a desonra e a ruína. (SILVEIRA, 2002, p. 223).

Foucault (1978, p.143) lembra que normalmente é a família, a vizinhança e o cura da paróquia que são convidados a dar seus depoimentos a respeito do sujeito tomado como louco. Os parentes mais próximos têm maior autoridade para fazer valer suas queixas ou apreensões no memorial em que pedem o internamento, daí a importância da denúncia do marido na segregação da esposa. O que chama a atenção na denúncia de Belchior é que Damiana deveria ser internada levando-se em conta implicações de natureza ética, pois ela é acusada de libertina, não praticante da religião, devassa e perdulária, devendo, portanto, ser afastada do convívio social. Como argumentos em anteparo ao pedido, aparecem a defesa da honra e da família, mas também o prestígio social do homem que se intitula honrado e um comerciante de sucesso, sujeito de posses, em oposição à caracterização da mulher, feita sob o signo do desprestígio social.

Mesmo que a acusação fosse verdadeira, fato que não corresponde ao caso da personagem Damiana, tratar-se-ia de conceber a anormalidade da figura feminina no plano de uma sensibilidade social, semelhante ao que ocorria no Classicismo, como destaca Foucault (1978, p. 95): "A magia, alquimia, práticas de profanação ou ainda certas formas de sexualidade mantêm um parentesco direto com o desatino e a doença mental. Tudo isso entrará para o rol dos signos maiores da loucura, e ocupará seu lugar entre suas manifestações mais essenciais". Reforçando a associação entre a insanidade e uma consciência ética, Foucault destaca, em outro momento de sua fala, que até o fim do século XVIII o Hospital Geral e as casas de internamento recebem em grande número pessoas que mexeram com feitiçaria, magia, adivinhação e, às vezes, até mesmo alquimia. Além disso, devassidão, prodigalidade, ligação inconfessável, casamento vergonhoso: tudo isso está entre os motivos mais numerosos do internamento. (FOUCAULT, 1978, p. 104).

No que se refere à personagem Damiana, o seu comportamento, considerado transgressor, ultrapassa a sua condição de esposa, pois ela se envolve em atividades políticas a favor da República, fato que, por outro lado, também contraria o marido, que deseja castigá-la pela sua participação em reuniões republicanas, conforme se vê na passagem seguinte: "Não queria tornar pública a infâmia, mas queria castigar a adúltera que organizava reuniões políticas republicanas em sua casa, em sua própria casa, casa de um súdito leal e honrado do rei." (SILVEIRA, 2002, p. 223).

A narrativa deixa claro que a esposa também contraria o marido do ponto de vista político, colocando-se em situação oposta à dele ao defender a instauração da República, enquanto ele se apresenta como um aliado do rei. Por conta desses fatos, Belchior busca o apoio da Igreja para conseguir internar a esposa Damiana em um convento:

> Procurou também o arcebispo e outros amigos de importância para fazer a denúncia e conseguir seu intento. [...] sem grandes dificuldades, e sem demora, consegue testemunhas falsas para comprovar o estado calamitoso da mulher. O intendente, o arcebispo, o prelado acharam proveitoso concordar; é preciso que alguma coisa seja feita com urgência. (SILVEIRA, 2002, p. 224).

Com o apoio institucional e de amigos influentes, o homem consegue internar a esposa e passa a dizer a todos que ela estava em tratamento de nervos. Damiana acaba não tendo como se defender, já que foi pega de surpresa, em um golpe armado pelo marido, que mentiu ao dizer que o padre queria vê-la e conversar com ela. A mulher, mesmo desconfiada, foi ao convento e, ao chegar lá, acabou sendo presa, sem condições de defesa. O que se observa, nesse caso, são as instituições se unindo a fim de estabelecer um controle sobre aquilo que consideram um perigo. Dessa maneira, o Estado, a Igreja e a própria família somam forças para segregar Damiana, a quem denominam de subversiva. Na condição de indivíduo segregado, ela fica sem sua identidade de sujeito ativo, tornando-se submissa aos preceitos da instituição em que foi aprisionada. Assim, não oferece mais nenhum perigo à sociedade, como considerava o marido, que estava interessado também nos bens da esposa e que, para tentar adquiri-los, julgou ser necessário expatriá-la do convívio social, semelhante ao que observa o estudioso sobre as intenções de um diagnóstico de loucura motivado por outros interesses:

> Para sequestrar bens, também se produz o louco. O indivíduo que tudo teria para ser considerado normal, mas que por alguma intriga ou motivo escuso é declarado louco, passa a ser submetido a tratamentos clínicos que deformarão seus comportamentos, suas potencialidades de uso do corpo e da mente. Acusar alguém de ser louco, e impor-lhe a internação, pode constituir estratégias para se apoderar de seus bens e posições sociais. (BARROS, 2016, p. 59)

Conforme destaca Barros (2016, p. 59), o louco, sob essa perspectiva, é produzido do ponto de vista de uma moralidade e não diagnosticado por uma consciência médica. É o que ocorre com a personagem da narrativa em análise, que acaba sendo declarada louca, irreligiosa, devassa e dissipadora, indigna da sociedade, uma antissocial. Mas tudo não passa, como vimos, de uma estratégia de Belchior para internar a mulher e tomar posse dos seus bens. Assim Damiana não teria direito a nada:

> Não pensem vocês que Damiana foi a primeira ou a única esposa a ser presa em um convento. Essa maneira de se livrar da mulher era usada na época, quando o marido não queria se divorciar da esposa para não dividir os bens, mas não se sentia com coragem suficiente para matá-la de vez, ou queria apenas, digamos assim, ministrar-lhe uma lição. (SILVEIRA, 2002, p. 230).

Como destaca a passagem supracitada, aquilo que acomete Damiana é uma situação comum para a época, quando a mulher que transgredia as normas sociais, não se submetendo às vontades do marido, era acusada de louca. No caso de Damiana, o seu desejo de separação aliado à sua militância política a remete a uma condição propícia para ser acusada de alienada,

fazendo-a perder a sua subjetividade para o estigma da loucura. Isso porque ela não se deixa adestrar, consoante ocorre com a maioria das mulheres ao longo da história: "Adestrar a mulher fazia parte do processo civilizatório" (DEL PRIORE,1995, p. 27), e a segregação acaba se tornando um componente desse processo.

Quando finalmente é internada por conta de seu comportamento transgressivo, Damiana é tratada de forma desumana, como se fosse uma criminosa, já que a rotina do convento acaba se assemelhando em muitos aspectos à de uma prisão:

> Quando chega ao convento e é conduzida por corredores sombrios e pedem que entre em uma pequena cela e fecham a porta às suas costas e a trancafiam, ela fica atônita. A princípio, não entende o que está acontecendo. Por alguns segundos, pensa na estranheza dos hábitos da abadessa para receber suas visitas no convento. [...] O tempo passa, no entanto, e aquela pequena ideia insinuada cada vez se demora um pouco mais, e quando ela decide que efetivamente já se passara um tempo descabido, o pânico a invade de chofre e ela grita. Seus gritos aterrorizados ecoam no longo corredor vazio. Nenhuma resposta. (SILVEIRA, 2002, p. 224-225).

A estrutura física do lugar em que a mulher é segregada tem semelhanças explícitas com a de uma prisão, segundo relata o próprio texto literário: trata-se de uma cela pequena e sombria dentro da qual ela passa a viver como se fosse um animal enjaulado. O internamento, nesse caso, vai se transformando no modo de punição para a esposa acusada de devassa, libertina e irreligiosa:

> Damiana não tem noção de quanto tempo gritou, de quanto tempo passou ali entregue ao terror de todos os terrores, o de não saber o que lhe acontecia. A luz translúcida que entra pela pequena janela no alto começa a mudar de tom, a espalhar um amarelo mais denso, depois uma cor laranja-escura, quando ela ouve ao longe ruídos de ferrolhos se abrindo e, esperançada, grita mais forte: "Socorro, quem está ai?...", mas nenhuma voz lhe responde. Só os sons de passos abafados no corredor de altíssimo pé-direito e a pequena portinhola da janela na porta de madeira maciça se abrindo para deixar passar uma bandeja tosca com uma caneca de água, um pão, um prato de sopa. (SILVEIRA, 2002, p.225).

A situação de Damiana pode ser comparada à condição de muitas mulheres que viveram presas, sem direito a nada, acorrentadas iguais a animais. É possível estabelecer uma analogia entre o que aparece representado no romance e o que descreve Foucault a respeito do tratamento dados aos indivíduos segregados no período da grande internação, quando ele relata a forma como a comida era entregue as insanas:

> As loucas acometidas por um acesso de raiva são acorrentadas como cachorros à porta de suas celas e separadas das guardiãs e dos visitantes por um comprido corredor defendido por uma grade de ferro; através dessa grade é que lhes entregam comida e palha, sobre a qual dormem; por meio de ancinhos, retira-se parte das imundícies que as cercam. (FOUCAULT, 1978, p. 167).

Como podemos observar, as práticas usadas para castigar as insanas, por não obedecerem às regras institucionais, eram muito desumanas e cruéis. As loucas mais furiosas eram expostas como animais e essa humilhação conduz a punições exageradas. A esse respeito, corroborando com o pensamento de

Foucault, Goffman (2001, p.94) também comenta como os castigos eram desenvolvidos pelas instituições:

> Em muitas instituições totais, são aplicados castigos que não estão previstos nos regulamentos. Tais castigos geralmente são aplicados numa cela fechada ou em algum outro local distante da atenção da maioria dos internados e da maioria da equipe dirigente. Embora tais ações possam não ser frequentes, tendem a ocorrer de maneira estruturada, como consequência sabida ou suposta de alguns tipos de transgressão.

Nesse caso, *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas*, por meio da história de Damiana, acaba representando uma terapêutica da violência que ao longo dos tempos acabou sendo designada para o sujeito insano. Em sua *História da loucura*, Foucault destaca a violência empregada pelas instituições que tratavam os pacientes insanos como animais. Esse modelo impõe-se nos asilos e lhes atribui seu aspecto de jaula e zoológico. No período estudado pelo filósofo, mas também no contexto da personagem em questão, colocada sob o signo de todos os desatinos menores, a loucura se vê ligada a uma experiência ética e a uma valorização moral da razão; mas, ligada ao mundo animal e a seu desatino maior, ela se demonstra desumana, como ocorre a Damiana conforme aparece figurativizado na narrativa em análise:

> Quando queriam castigar seu comportamento, no entanto, a transferiam para outra cela, a pior cela do convento, a cela do horror cuja pequena janela não se abria para o mato, mas para um pequeno cemitério de indigentes e escravos. Era seu inferno dos infernos. (SILVEIRA, 2002, p.228).

No contexto em que se passa a história de Damiana, as igrejas eram o lugar em que se enterravam os mortos. De acordo com o narrador, isso só mudaria após a independência do Brasil, quando ideias modernas sobre a saúde e o aparecimento de leis específicas determinaram que os cemitérios fossem feitos longe das cidades. Nessas covas, com a decomposição dos cadáveres, eram produzidos gases que entravam pelas janelas do convento e ajudavam na propagação de doenças, contribuindo ainda mais para a terapêutica da violência. Note-se como, no contexto da cena supracitada, o castigo vai se constituindo para Damiana como uma prática à qual se atribui um aspecto pedagógico, uma espécie de corretivo por meio do qual se buscava o arrependimento, a conversão da mulher:

> Os gritos de Damiana não param. Sua voz parece um jorro incessante de desespero, terror e indagação. Mais tarde ainda, quando a escuridão começa a tomar conta da pequena cela, ela escuta outra vez o barulho de ferrolhos se abrindo no fundo do corredor e de novo sons de passos se aproximam. Abre-se a portinhola e é a boca cavernosa do arcebispo em pessoa que aparece na pequena fenda para lhe explicar a situação. A pedido do marido e por decisão unânime das ordens civil e religiosa, ela estava ali para se arrepender de sua vida dissoluta e de seus hábitos devassos e corruptores. Seu tempo de reclusão dependeria sobretudo dela, de seu arrependimento e bom comportamento. Ele esperava poder lhe dar a bênção para uma vida tranquila outra vez no seio de sua família, tão logo aceitasse seu papel e destino de esposa e mãe segundo as leis da Igreja e da sociedade. (SILVEIRA, 2002, p. 225-226).

O discurso do arcebispo lembra o mundo correcional dentro do qual as instituições se valiam da aplicação de castigos a fim de corrigir os sujeitos considerados antissociais. Nesse sentido é que Damiana, segundo o

religioso, estava presa para se arrepender de hábitos considerados devassos, advertindo a ela que o seu tempo de reclusão dependeria de seu comportamento em aceitar seu papel de esposa e mãe, como transmitia a norma da Igreja e da sociedade. Refletindo sobre contexto semelhante a esse, Foucault (1978, p. 163) observa que "a ordem de libertação é dada quando o perigo do escândalo está afastado e quando a honra das famílias ou da Igreja não mais pode ser atingida."

A narrativa de Damiana revela, dessa forma, o poder do patriarcado e das instituições totais, demonstrando, por outro lado, a fragilidade da mulher frente às imposições sociais. Para que pudesse retomar ao convívio familiar, social, se exigia da personagem o arrependimento por algum erro que ela não cometeu. Exigia-se, sobretudo, que ela não voltasse a se rebelar contra o marido, solicitando dele o divórcio, colocando por essa feita o patrimônio da família em perigo. Era preciso, ao contrário, que ela adotasse uma identificação resignada, por meio da qual não fosse acusada de macular a honra do esposo, dos familiares e da sociedade. Dependia disso a sua volta progressiva ao mundo dos sujeitos considerados normais, o que no caso da personagem acaba não acontecendo:

> Quando aceitasse sua situação, parasse com os gritos e se comprometesse a adotar com tranquilidade esse período de repouso e reflexão no convento, que era o que todos esperavam dela o mais rápido possível, poderia ser transferida para uma cela maior e ter a companhia de outras reclusas. Damiana, no entanto, nunca aceitou a situação e nunca parou de gritar. Quando ficou fraca demais, seus gritos saíam entrecortados, roucos, mas ainda podiam ser ouvidos nos longos corredores. E tampouco alguma vez, nem por um átimo de instante, aceitou com resignação a vida do convento: por mais inútil, por mínima que fosse, nunca perdeu nenhuma oportunidade de tentar fugir. (SILVEIRA, 2002, p. 226).

Ainda que sofra com a reclusão a que é submetida, Damiana não demonstra arrependimento e não aceita a situação que lhe é imposta, talvez porque desconhecesse do que deveria fazer. Nesse sentido, a fuga aparece como uma possibilidade sempre presente em seu pensamento, até morrer segregada, de tuberculose no ano de 1822, dois dias após a Independência do Brasil. Enquanto toda a cidade estava eufórica e em festa, a personagem é enterrada de forma simples, na presença de alguns amigos, dos tios Mariano e Justino, de Inácio Belchior e da pequena Açucena Brasília.

3. A loucura estigmatizada de Albertina

No romance de Silveira, a personagem Albertina é a única das mulheres que, de fato, recebe o diagnóstico de louca, de um ponto de vista médico. Isso porque ela apresentava características anormais, manifestando a total perda da razão por meio de atitudes consideradas insanas. Esta personagem aparece casada com Eudoro, personagem proveniente de uma família rica, sujeito preconceituoso e que só pensava em gastar. A história se passa na época em que a greve geral dos operários em São Paulo se estendia para o Rio de Janeiro; além disso, nesse contexto histórico, correspondente ao ano de 1930, observa-se que os tenentes já estavam se mobilizando nos quartéis visando a um golpe de governo.

Na representação da história de Albertina, observamos o preconceito relacionado à doença mental, sobretudo no comportamento do esposo, que não queria que ninguém soubesse da real condição da mulher, pois considerava essa anormalidade uma mancha de vergonha:

> Albertina, esposa de Eudoro, era doente mental. Eudoro relutava em enviá-la para uma

> clínica por não querer que ninguém soubesse da doença da mulher, que considerava como uma mancha de vergonha. O próprio Gaspar não sabia de nada. É bem verdade que frequentava pouco a casa do irmão, mas sempre que o visitava via a cunhada, muito pálida, muito magra, de pouquíssimas palavras, 'bom dia', 'boa tarde', 'passe bem'. Parecia-lhe um pouco doentia, mas acreditava que fosse coisa passageira. Não era. Tinha crises de violência, e o esposo a trancava em um quarto isolado, de onde tirava todos os objetos com que pudesse se ferir. (SILVEIRA, 2002, p. 306)

Na representação do drama de Albertina se revela uma prática disseminada ao longo dos tempos, por meio da qual a família esconde o indivíduo insano da sociedade. No caso em questão, nem mesmo o personagem Gaspar, cunhado da mulher, conhece a verdadeira causa de sua apatia, visto que o marido prefere não revelar para os demais o fato de a esposa ter problemas mentais. Prefere, ao contrário, segregá-la num espaço fechado, a fim de evitar um escândalo maior, camuflando a possível vergonha. Acerca desse tipo de prática, Focault (1978, p. 148) destaca:

> Ao privar uma mulher do convívio social, a loucura é silenciada, a vergonha é camuflada, escondida debaixo do tapete, e a honra de todos se restabelece. Porém, não se pode esquecer que a internação deixa uma marca profunda para o ser humano, pois o estigma da loucura é irreversível: 'o internamento oculta o desatino e trai a vergonha que ele suscita, mas designa explicitamente a loucura: aponta-a com o dedo'.

A ficção de Silveira representa, então, os modos de atuação das instituições de poder, sobretudo da instituição matrimonial, dentro de uma sociedade patriarcal em que o homem decide os destinos da mulher. No caso de Albertina, essa situação de subserviência é agravada pela doença, que a silencia ainda mais. A personagem é forçada a se ajustar aos padrões estabelecidos pelo marido, que relutava contra o internamento por não querer que ninguém soubesse da doença da esposa. Nesse intento observamos que a visão da sociedade relacionada à loucura como doença mental torna Albertina mais que um indivíduo anormal, uma incapaz social. Desse modo, a falta de apreço de Eudoro, ao trancar a esposa em um quarto isolado, aponta para um espaço de exclusão, um lugar reservado para quando a personagem manifestasse suas crises.

O comportamento insano de Albertina é alvo de vigilância e acaba assumindo um caráter vergonhoso, exposto a um julgamento que a expõe ainda mais à angústia e ao sofrimento. Entendemos que a mulher nessa situação tem seu discurso abafado, em prol de manter a imagem da família, o que se observa quando o marido esconde dos familiares a insanidade da mulher. Além do silenciamento acerca da condição de Albertina, é importante destacar que ela não tinha visão de sua própria vida, não fala de si mesma, da sua condição estigmatizada, excluída, e de sua deteriorada subjetividade. Não há meio de conhecer a vida íntima da personagem, pois não é possível identificar o que significa para ela a condição de louca. A ela não cabe manifestar-se verbalmente sobre a sua situação, sobre o seu lugar no âmbito familiar. Desta forma, em uma de suas crises de loucura, Albertina provoca, além de sua morte, a do esposo e a da velha empregada, como observamos na citação abaixo:

> Na última crise, Albertina por fatalidade encontrara a porta do quarto aberta. Era noite e, com uma vela acesa, começara a perambular pela casa adormecida, indo parar nos aposentos que haviam sido os domínios de Diva e ali começara a botar fogo nas

> cortinas, nos papéis, nos tapetes, nos móveis. Em pouco tempo, tudo se queimou. Todo o palacete, com Albertina, Eudoro e a velha empregada dentro. Os dois estavam dormindo e não conseguiram abandonar a tempo a casa em chamas. (SILVEIRA, 2002, p. 307).

O incêndio provocado pela personagem é certamente trágico, mas pode ser lido como uma forma de Albertina ser notada, manifestando-se por si própria, visto que sempre permaneceu escondida, segregada pelo esposo. Assim, quando tem a oportunidade de escapar da prisão, assume a posição de sujeito de seu próprio destino, mesmo que acabe realizando uma conflagração da própria vida e da vida daqueles com quem convive.

3. Conclusão

O tratamento conferido às duas personagens do romance analisado neste estudo permite concluir que a sociedade estabelece padrões a serem seguidos de acordo com a história, a cultura e o meio social de cada sujeito. Esses padrões organizam as formas de comportamento por meio de relações de poder manifestadas, sobretudo, pelas instituições como o Estado, a Igreja, o matrimônio, etc. Por meio da representação da loucura, identificamos a marca da diferença, da exclusão e da manifestação das relações de poder. Nesse contexto "as relações de poder, elas não são simplesmente definidas; elas são impostas" (SILVA, 2000, p. 81). É através da imposição que as personagens femininas abordadas são caracterizadas como loucas pois, no contexto histórico já destacado durante o percurso do trabalho, o indivíduo transgressor era banido do meio social e considerado louco.

Nesse processo, a figura masculina tem ocupado um lugar de destaque nessas instituições, relegando a mulher para espaços marginais nos quais elas são transformadas em objetos, devendo obedecer a uma ordem estabelecida. No caso de uma possível transgressão do comportamento esperado, a mulher pode sofrer sérias consequências, chegando ao ponto extremo de serem internadas, alijadas do convívio em sociedade, conforme ocorreu com as personagens em destaque.

Referências bibliográficas

BARROS, José d'Assunção. *Igualdade e diferença*: construções históricas e imaginárias em torno da desigualdade humana. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo:* Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo:* condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica.* Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos.* Tradução de Dante Moreira. Leite. 7ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo.* Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. (org). *Identidade e diferença.* 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Maria José. *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas.* São Paulo: Globo, 2002.

_____. *Eleanor Marx, filha de Karl*. São Paulo: Francis, 2002.

_____. *O fantasma de Luís Buñuel.* São Paulo: Francis, 2004.

_____. *Com esse ódio e esse amor.* São Paulo: Global Editora, 2010.

_____. *Pauliceia de mil dentes.* São Paulo: Editora Prumo, 2012.

SOMMER, Doris. *Ficções de fundação*: os romances nacionais da América Latina. Tradução Gláucia Renate Gonçalves & Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.